

Arthur Reis, Afonso de Taunay, Câmara Cascudo e outros intelectuais brasileiros: uma viagem através das cartas

LADEME CORREIA DE SOUSA*

Arthur Reis, filho do jornalista Vicente Torres da Silva Reis e de Emília Ferreira da Silva Reis, nasceu em Manaus em 08 de janeiro de 1906, cresceu e se educou na capital da borracha durante seu período de crise, de onde se mudou para Belém em 1939 e depois para o Rio de Janeiro em 1945, construindo uma carreira que o consolidaria como especialista em assuntos amazônicos. As escolas Saldanha Marinho, Marechal Hermes e o Ginásio Amazonense Pedro II foram grandes responsáveis pela sua formação inicial, que se completaria com o curso de Direito realizado entre 1923 e 1927.

Membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas desde o início de sua juventude e Redator da Revista Amazonense em 1923, dirigida por Álvaro Maia, Arthur Reis já dava mostra de sua ligação com a escrita que perdurou por toda sua vida. Entre os anos de 1928 e 1938, ocupou funções no magistério, exercido no Colégio Dom Bosco, lecionando História do Brasil, História da Civilização e História do Brasil na Escola Sólon de Lucena e Economia Política e Ciências das Finanças na Faculdade de Direito do Amazonas, entre outras. Foi redator do Jornal do Comércio, Diretor da Instrução Pública no governo de Álvaro Maia e Fiscal de Seguros da Primeira Circunscrição vinculado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Elencamos apenas suas atribuições realizadas ainda em Manaus, por estarmos nos referindo, particularmente, à fase inicial de sua carreira. Carreira que, aliás, parece ter sido desejada desde muito cedo por seus pais. Ao menos é o que indica a seção de aniversariantes do Jornal do Comércio de propriedade de Vicente Torres, seu pai, que oportunamente na passagem do aniversário do filho, que completava catorze anos, em um texto quase profético, tendo em vista que previa uma carreira de sucesso para o tão

* Universidade federal do Amazonas. Mestre em História Este trabalho é parte da dissertação de Mestrado intitulada *Arthur Reis e a História do Amazonas: um início em grande estilo*. Financiado pela FAPEAM.

jovem Arthur Reis, já o apresentava, através dos funcionários do Jornal, como um grande prodígio:



Um acontecimento auspicioso faz vibrar de íntimo regozijo o lar do nosso diretor Dr. Vicente Reis e de seu idolatrado filho Arthur Cézár Ferreira Reis que entra no décimo quarto aniversário de sua existência. Jovem ainda trilhando a estrada ampla e luminosa de uma vida toda cheias de atrativos e expansões suaves, *Arthur Reis é uma promessa* que se revela, pois alia a sua exemplar conduta, um espírito inteligente e vivo, *uma alma cheia de aspirações que só propendem para o esposamento de idéias nobres e elevadas.*

As congratulações prosseguiram, dando a medida das expectativas com as quais o jovem era apresentado à sociedade local:

A sua maior preocupação é o estudo. No doce aconchego do lar, como no Ginásio Amazonense, onde cursa com brilhantismo, o terceiro ano de Ciências e Letras, jamais descurou de sua educação moral e espiritual, manuseando sempre com prazer os seus livros e ouvindo com desvelo as lições de seus mestres. Segue assim, *um belo exemplo de virtude e civismo*, tomando como lema a frase de Raul Pompéia: feliz é a alma que tenta, entre as florescências da juventude, descortinar o panorama imenso do futuro. É, pois, um jovem que orgulha os seus pais e o berço onde nasceu, iniciando os seus passos na arena espinhosa da vida, sob os influxos de muita esperança. Merecidas, portanto, serão as provas de afeto que receber nesse dia, de seus amiguinhos e *admiradores, que são em grande número* (JORNAL DO COMÉRCIO, Manaus, 08 de Janeiro de 1930).

Arthur Reis era, portanto, apresentado, apesar da pouca idade, como uma promessa propensa ao cultivo de idéias nobres e elevadas, um belo exemplo de virtude e civismo que já possuía não poucos admiradores. Essa extensa nota sobre o aniversário de Arthur Reis fez parte da seção do Jornal intitulada “Manaus Social”, que anunciava somente os nomes dos aniversariantes do dia; entretanto as figuras de relevo no cenário local recebiam espaço maior com direito a fotografia, como no seu caso. Arthur Reis, como filho do proprietário do jornal, recebeu um espaço ainda maior em relação aos

comumente concedidos às pessoas de destaque na sociedade manauense, revelando a dimensão do anseio de seu pai em incluí-lo entre os notáveis, ao atribuir-lhe grande número de admiradores.

Formado em Direito na Faculdade do Rio de Janeiro, o carioca Vicente Reis, pai de Arthur Reis, obteve reconhecimento em Manaus, no jornalismo, como Diretor-proprietário do Jornal do Comércio que adquiriu em 1906. Jornal que serviu à carreira de Arthur Reis, onde trabalhou como redator e publicou diversos artigos seus, inclusive trechos da *História do Amazonas*, quando ainda estava em período de elaboração.

Certamente que a posição ocupada pelo seu pai na sociedade amazonense propiciou a Arthur Reis um reconhecimento, também, mais rápido do trabalho que se propôs a realizar. Vicente Reis exerceu as funções de promotor público e delegado de polícia no Rio de Janeiro, paralelas às funções de escritor e teatrólogo com produção de textos para o teatro e uma obra de cunho policial publicada em 1904 (BRAGA, s.d: 11). A convite do governador do Amazonas Antônio Constantino Nery estabeleceu-se em Manaus no ano de 1904, sendo inicialmente secretário da Prefeitura da capital e, posteriormente, deputado estadual. Logo obteve maior visibilidade, ainda, com a aquisição Jornal do Comércio.

Foi considerado, em um artigo de jornal do Rio de Janeiro, o decano dos escritores teatrais do Brasil, “uma das criaturas mais populares e mais festejadas do nosso teatro” do início do século XX. O jornal o recupera como personagem importante no cenário carioca:

(...) Vicente Reis era um homem de intensa vivacidade, com um que de boêmio. ... Todo o Rio de Janeiro o conhece. Era jornalista de vida intensa. Era teatrólogo de intensa produção ... Todo o Rio de Janeiro o conhece. ... Para mostrar a vivacidade de Vicente Reis basta dizer que, aos dezenove anos, já era escritor de teatro¹.

O artigo, em evidente homenagem ao pai de Arthur Reis, prossegue dando conta da sua transferência para Manaus e do seu destaque como diretor do Jornal:

¹ Jornal sem identificação disponível no acervo digital do Centro Cultural dos Povos da Amazônia. www.ccpa.am.gov.br.

“Um dia Vicente Reis desaparece do Rio de Janeiro. ... Havia ido para o Amazonas... Hábil jornalista que conhecia todos os segredos da profissão fundou em Manaus o Jornal do Comercio. Êxito completo, êxito maior ainda do que em teatro. Em pouco tempo o Jornal se tornou o primeiro do Estado. O primeiro em tudo: em numero de leitores, em prestígio, em importância política, em recursos financeiros”.

Apesar da informação equivocada, pois o Jornal do Comércio foi fundado em 1904 por Rocha dos Santos, este artigo nos indica o prestígio de Vicente Reis tanto no Rio, como teatrólogo, como em Manaus na direção do Jornal, que facilitou em grande medida os contatos posteriores estabelecidos por Arthur Reis no mundo intelectual brasileiro. Sua função como redator-chefe do Jornal foi um dos espaços que deu visibilidade e credibilidade aos seus trabalhos, contribuindo para seu crescente prestígio. Através do jornal, levou a público, como dito acima, trechos da sua pesquisa em andamento, publicadas em primeira página, onde logo abaixo do título dizia: “Da ‘História do Amazonas’ a ser publicada brevemente” (Jornal do Comércio, 20/06/1930). Assim, Arthur Reis pôde sem dificuldades aguçar a curiosidade dos leitores quanto ao trabalho que estava produzindo. Nesse período, essa prática de utilizar as páginas dos jornais para fins de divulgação dos trabalhos de pesquisa era comum pelas regiões brasileiras. Selda Vale da Costa afirma que em Natal, “a redação dos jornais era a escola dos intelectuais da época. Com fraco parque editorial/gráfico, eram os veículos naturais da produção intelectual” (COSTA, 1997: 67). Essa afirmativa também é válida para Manaus e esteve presente no início da carreira de Arthur Reis.

Arthur Reis estabeleceu bons contatos com intelectuais de Belém, Rio de Janeiro e São Paulo, entre outros lugares do Brasil, possivelmente consolidados durante sua estada nas duas primeiras capitais onde cursou Direito. Em Manaus, possuía a visibilidade de filho de jornalista e, posteriormente, a de redator-chefe do Jornal, ocupando desde cedo lugar de prestígio na sociedade amazonense, que pelo visto através de suas correspondências pessoais, se estendeu aos intelectuais com os quais se comunicava: (Affonso de Taunay, Basílio de Magalhães, Max Fleiuss), no Rio de Janeiro (José Bueno de Oliveira Azevedo Filho), em São Paulo, (Luis A. Câmara Cascudo de Natal) e Braga Ribeiro em Belém.

A *História do Amazonas* foi, em certa medida, o cartão de visitas de Arthur Reis. Através dela pôde mostrar que realmente tinha aptidão para pesquisa. Sua colocação de destaque e prestígio o auxiliaram na distribuição da obra; mas, o que realmente o impulsionou foi sua incansável persistência junto aos arquivos, gerando diversos trabalhos. De todas suas funções profissionais, queremos destacar a de historiador, pois junto a todos os cargos que exerceu, o gosto pela História foi constante. De redator-chefe do Jornal do Comércio a Superintendente do Plano de Valorização Econômica do Amazonas (SPVEA), Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e Governador do Estado do Amazonas (INPA), entre outras funções importantes, admiravelmente nunca abandonou a pesquisa e a produção historiográfica.

Alguns indícios mostram o quanto de seriedade Reis empregou no seu trabalho de pesquisador desde sua primeira obra, que não tinha pretensões de ser obra única, mas de abrir caminhos para novas publicações. O autor já traçava planos para seguir carreira na função. Antes da publicação, já fazia propaganda da obra ao anunciar trechos no Jornal do Comercio. E quando publicada em 1931, trazia na folha de rosto o anúncio de mais quatro trabalhos que estavam em preparo: “O povoamento do Amazonas”, “Diccionario Geographico e Histórico do Amazonas”, “História da América” e “História do Brasil”. Talvez com um pouco de exagero, pois eram obras de grande abrangência para que estivessem em preparo ao mesmo tempo. Algumas delas nunca apareceram, mas certamente foram cogitadas pela ânsia produtiva que cercava Arthur Reis.

Publicada a obra, Reis cuidou de fazê-la conhecida fora do Estado, mais uma demonstração de sua certeza na carreira que pretendia seguir e a busca de meios para efetivá-la. Já em dezembro, no mesmo ano da publicação (1931), recebia carta de Affonso de Taunay, então diretor do Museu Paulista e membro do Instituto Histórico de São Paulo, opinando sobre a obra:

(...) agradeço a remessa do volume de sua História do Amazonas, enriquecido por tão generosa dedicatória. Li com o maior interesse e prazer a sua obra em que tanto aprendi. Parabéns por esta brilhante série de páginas tão interessantes e tão bem escritas. Seu livro fica sendo um excelente guia a que se reportarão os consultantes dos fatos do Amazonas (TAUNAY, São Paulo, 02 de dezembro, 1931).

E Taunay toma a “liberdade de fazer dois pequenos reparos”; no primeiro, se ressentido pela ausência de referência à passagem da “prodigiosa bandeira de Raposo Tavares, pelas águas do Rio Mar”; e no segundo, corrige Reis, quando este disse ter sido extinto pela varíola o corpo de artilharia que fez parte da expedição de Mato Grosso: “Creio que há ali um engano de informação”, pois os soldados amazonenses, em número reduzido “estiveram na retirada da Laguna sob a chefia de um verdadeiro herói o 1º tenente (pernambucano) Cesário de Almeida Nobre de Gusmão”. Taunay diz estar fazendo essa afirmação baseado nos relatos de seu pai em seus livros de campanha. Depois em 1932, Taunay, respondendo outra carta, agradeceu a Reis por suas gentis palavras quanto ao seu trabalho e quanto aos “Annaes do Museu Paulista” e pediu desculpas pelo atraso na resposta que: “Pretendia dá-la em publico num artigo no “O Estado de São Paulo”. Mas é tal o acúmulo de serviço que não consigo por me em dia. Espero porém, mais dias menos dias, escrever uma pequena critica á sua excelente Historia do Amazonas de que gostei imenso” (TAUNAY, 1932).

A correspondência entre ambos demonstra a liberdade que tinham em opinarem um sobre o trabalho do outro, ao mesmo tempo em que vemos na forma de tratamento certa formalidade de Taunay em relação a Reis:

Verifico que o Dr tem carradas de razão do que disse a respeito do corpo policial do Amazonas na Retirada de Laguna. Que fiasco da minha parte ter me esquecido de um trecho dos servidores ilustres do Brasil que eu havia tão pouco ainda corrigira em provas de impressão (TAUNAY, São Paulo, 23 de maio, 1932).

Outras correspondências também atestam a circulação do “História do Amazonas” em outros Estados. Antônio de Sousa Amorim, secretário da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, em resposta à carta de Reis, informa, ainda, não ter recebido o livro “História do Amazonas”, “que se dignou a oferecer-nos para a Biblioteca desta colectividade” (AMORIM, Rio de Janeiro, março de 1932). Max Fleiuss, do IHGB, o informa: “ Logo que me seja possível, pois tenho estado sobrecarregado de trabalhos, escreverei sobre o seu livro – que deveras me agradou – no “Jornal do Comércio”” (FLEIUSS, Rio de Janeiro, 27 de maio, 1932).

Também do IHGB, recebeu:

Ao Exmo. Amigo, confrade e colega Sr. Dr. Arthur César Ferreira Reis cumprimenta atentamente o abaixo assinado, agradecendo a preciosa dádiva da interessantíssima – História do Amazonas, que é mais um atestado dos talentos e nobre operosidade do seu autor (...) ².

Recebeu também de Epifanio Doria, diretor da Biblioteca Pública de Sergipe, duas correspondências que demonstram a recepção de seu trabalho. Na primeira, Doria expõe sua preocupação em reunir na Biblioteca, “documentos que atestem aos coevos e aos posterios a altura da intelectualidade brasileira”, por isso, “(...) tomo a liberdade, meu ilustre patricio, de suplicar-lhe a remessa de um exemplar do seu livro HISTÓRIA DO AMAZONAS” (DORIA, Aracaju, 28 de janeiro de 1932).

E na segunda agradece: “Acusando o recebimento de um exemplar do vosso substancioso livro HISTÓRIA DO AMAZONAS, livro que é um testemunho de uma inteligência robusta e de um espírito talhado a grandes conquistas na carreira das letras” (DORIA, Aracaju, 20 de abril de 1932) .

Pelo acima exposto, nota-se o sucesso de Reis quanto ao seu primeiro trabalho. Através de alguns conhecidos de peso no meio intelectual brasileiro, fez acontecer a circulação da obra no Brasil e, conseqüentemente, seu nome como historiador começava a ter respaldo, para quem viria ser reconhecido posteriormente como o grande autor sobre temas amazônicos.

Em 1935, portanto, passados quatro anos da publicação do “Historia do Amazonas”, encontramos sinais de seu vigor, pois nesse período o autor já havia produzido outros trabalhos, como o “Manaos e outras villas”; mas sua primeira obra continuava a ecoar pelo Brasil como leitura necessária. Max Fleiuss, por carta informou a Arthur Reis do interesse de Basílio de Magalhães em receber um exemplar do livro “cuja leitura lhe parece indispensável” (FLEIUSS, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1935). Mas, foi do amigo Luis A. Câmara Cascudo que recebeu a mais elogiosa consideração acerca do livro:

² Carta do Rio de Janeiro em 11 de março de 1932. Carta com papel timbrado do IHGB, mas, com assinatura ilegível.

(...) Estou lendo a HISTÓRIA DO AMAZONAS e gostando de tudo. Inicialmente você é uma fisionomia, um estilo delicioso de graça, leveza, brilho e liberdade de frase. Um estilo serelepe, ágil, pronto, flexível, envolvente, com todas as nuances. Sua HISTÓRIA é verdadeiramente uma História, mas, antes de tudo, a história da inteligência criadora e nítida de seu autor (CASCUDO, Natal, 4 de outubro de 1935).

E continua em tom quase poético e crítico aos escritores nortistas:

Tenho uma leve superstição sobre o verbalismo ahi do extremo norte quase sempre, a custa de ver tanta água e mirar tanta folha, surge um jacto luminoso, sonoro e lindo, tão embriagador como efemero e tão ressonante como vazio. Lê-se aquillo como se ouve uma música dos clavincelistas, movimento, força, clareza, deslumbramento. Intrinsecamente, nada. Você bate outra estrada. Estylo água-forte, Kodak, gênero vivo. Copyrigh Arthur Reis a quem Deus cubra de mercês e de livros. Oportunamente escreverei um depoimento sobre seus livros. Desde já anuncio que não me juro suspeito por dizê-los magníficos (CASCUDO, Natal, 4 de outubro de 1935).

Arthur Reis e Câmara Cascudo eram amigos íntimos, pelo que indicam as correspondências. Em uma delas, Cascudo se refere ao amigo, em tom carinhoso, como “rei Arthur da tábua redonda”. Em reciprocidade, recebeu de Reis considerações apreciáveis sobre seu trabalho, às que agradeceu: “Recebi as ‘provas’ e a palavra inicial de apresentação que você escreveu. Fiquei extremamente grato pela sua generosa bondade em realçar méritos e trabalhos que só podiam ter relevo através de um gesto gentil e claro como o seu” (CASCUDO, Natal, 28 de março de 1936).

Arthur Reis escreveu essa apresentação ao trabalho do amigo, atendendo à sua solicitação feita em carta anterior, que demonstra o quanto de admiração cultivava pelo autor da *História do Amazonas*, autorizando-o, inclusive, a representá-lo: “Subentende-se que você tem bastante procuração para intervir em tudo quanto meu nome figure (...). O melhor e mais lógico será que você escreva um prefácio sobre meu ensaio... e assine” (CASCUDO, Natal, 23 de março de 1936).

Nesse período, Câmara Cascudo, um dos mais assíduos missivistas de Reis ³, ainda não era reconhecido no contexto nacional e, ressentido “do silêncio do sul-maravilha acerca de seu trabalho”, confia a Nunes Pereira:

... No final das contas, eu sou um provinciano, bicho de conta, morando a 2.400 quilômetros do Rio de Janeiro, escrevendo sem autorização da Cidade Maravilhosa e suas pompas. É natural que irrite e se faça um silenciosinho derredor do ousado catucador de bonzos. É fácil citar quem vive morando na primeira folha dos jornais! (CASCUDO. In. COSTA, 1997, p.76).

À semelhança de Reis, que também buscava reconhecimento, mantendo contato e enviando seus livros aos intelectuais dos grandes centros, Rio de Janeiro e São Paulo. Apesar de reclamar da pouca notoriedade em outras capitais, em Natal, Câmara Cascudo, de acordo com Veríssimo de Mello, “teve existência de príncipe. Andava de polainas, monóculo e bengala do Egito, guiando um “Ford de bigode”, dos primeiros chegados à cidade. A Vila Cascudo, no Tirol, era centro permanente de reuniões literárias, jantares festivos, recitais de músicos famosos, que transitavam em Natal...” (COSTA, 1997: 72). Nunes Pereira registrou que “Cascudo era chamado de Dom Luiz Câmara Cascudo, para lhe agregar ao nome sonoro uma liga de nobreza... Quando, no remoto ano de 1924, chegamos a Natal, estava ele à frente de um jornal próprio (A Imprensa) de existência acidentada, em cujas colunas, moço e rebelde como um deus primitivo, desdobrava os mais variados espetáculos da sua inteligência” (COSTA, 1997: 72). E sua influência, certamente, contribuiu para que tornasse Arthur Reis conhecido entre os intelectuais do seu círculo e indicasse seu nome, com aprovação, a pertencer ao Instituto Histórico de Natal como sócio-correspondente.

Os trabalhos de Arthur Reis, produzidos pouco depois da sua primeira obra, foram complementando o reconhecimento de sua recente iniciação como historiador, espaço que havia sido aberto com o envio da *História do Amazonas* aos amigos intelectuais pelo Brasil afora, e até aos que se encontravam no exterior, como foi o caso de Fidelino de Figueiredo, também escritor, que recebeu o livro em Portugal:

³ Essa parece ter sido uma de suas características, pois Selda Costa o intitula de missivista compulsivo pelas longas cartas que escrevia a Nunes Pereira.

(...) tive o gosto de receber a excelente obra “História do Amazonas”, com que V. Exa. quis ter a bondade de me obsequiar. Agradeço muito a V. Exa. a sua gentileza e cumprimento-o pela sua obra, escrupulosamente documentada, muito bem ordenada e dominada por um elevado espírito crítico, com o que honra a erudição brasileira (FIGUEIREDO, Lisboa, 5 de fevereiro de 1932).

Não temos números relativos à quantidade de exemplares que circularam pelo Brasil, mas vimos que a obra teve uma boa aceitação entre os leitores acima citados, que no mínimo demonstra o quanto Reis estava determinado a prosseguir seu caminho na pesquisa historiográfica. Seus trabalhos não parecem ter começado ao acaso, ou como capricho de filho do reconhecido Vicente Reis. Pelos indícios acima, é perceptível que Arthur se preocupou seriamente com todos os detalhes, da produção à distribuição dos exemplares, visando uma circulação abrangente e não restrita a um círculo local de leitores; afinal, como disse Câmara Cascudo, se referindo à publicação de um trabalho, Crônicas do Norte, junto com Reis, “... nenhum de nós deduz a possibilidade de ganhar dinheiro com livros de história” (CASCUDO, Natal, 23 de março de 1936).

De B. Silva do Valle, proprietário da Livraria Universal, localizada em São Paulo, Reis recebeu um pedido de 20 exemplares do livro, estabelecendo o compromisso de se interessar pela sua venda na região Sudeste, demonstrativo da repercussão imediata da obra, pois o pedido foi feito em 6 de junho de 1932, portanto pouquíssimo tempo depois de sua publicação aqui em Manaus (VALLE, São Paulo, 6 de junho de 1932).

Desse modo, fica evidente que o primeiro trabalho de Arthur Reis, que abordava em forma de síntese uma região específica do Brasil, provavelmente serviu como símbolo representativo da história amazonense. Até aquele momento, não havia ainda trabalhos, como ele mesmo afirmou, com maior profundidade sobre o assunto; logo, sua obra se tornaria referência aos ávidos por conhecer mais sobre uma região ainda misteriosa e com muito por ser descoberto. Afinal, a Amazônia despertava grande interesse, nos habitantes do Sul, visto nessa carta de Brito Pereira recebida por Reis:

Hoje será a sua “História do Amazonas” entregue ao “Círculo de Estudos”. Na mesma ocasião entregarei os outros livros que trouxe. Garanto-lhe que vai ser uma sessão “cheia”. As cousas da Amazônia são sempre muito bem

recebidas por aqui. O sulista vê em nossas cousas qualquer nota de mistério, que o atrai (PEREIRA, Curitiba, 15 de fevereiro de 1934).

A *História do Amazonas* foi o primeiro de muitos outros livros que tornaram Arthur Reis grande expoente nacional, o amazonólogo respeitado, que construiu representações sobre a Amazônia, servindo como base para diversos estudos, pois a referência às suas obras estão em muitos trabalhos de outros autores e ao longo de sua carreira não lhe faltaram reconhecimentos quanto ao seu trabalho. Foi, provavelmente, o destaque recebido como historiador, um dos fatores que o encaminharam como autoridade competente para ocupar os diversos cargos no cenário político local e nacional. Como o cargo de Diretor da Instrução Pública que ocupou, em Manaus, ainda em 1935.

E interessado que estava, desde o início, em fazer carreira como historiador, distribuiu sua obra para o conhecimento e reconhecimento que esperava receber pelo Brasil e até fora do âmbito nacional, como foi o caso de correspondências recebidas de Buenos Aires do historiador Enrique de Gandia onde, este elogia:

Su “História do Amazonas” es um libro fundamental. Está escrito con gran erudicion y un estylo claro y elegante. Esta sola obra basta para hacer-lo reconocer a usted como a uno de los más notables historiadores americanos. Su estudio sobre “Manaos e outras villas” es, también, un libro de muy grande utilidad. No se imagina con quanto provecho he leído sus obras admirando sus conocimientos y alegrandome de conocer a su autor (GANDIA, Buenos Aires, 1936).

Arthur Reis enviou sua obra, também, ao amigo Arthur Ramos, que morava em Lisboa há dois anos e dirigia a filial da Livraria Aillaud & Lello com matriz no Porto, provavelmente com intenções de irradiar seu trabalho em Lisboa através do auxílio do amigo diretor da Livraria. Arthur Ramos, em carta de 1933, agradeceu o envio da *História do Amazonas* e parabenizou Arthur Reis “por tão bela obra, única no gênero e que agora nos faz esperar que continue a produzir mais para orgulho dos que estremecem o nosso muito amado Amazonas”. (RAMOS, Lisboa, 12 de fevereiro de 1936)

Em Jaboticabal, seu amigo, o advogado Pires dos Santos também recebeu o livro, ao qual não poupou elogios:

Só agora, depois da ligeira carta que te fiz acusando o recebimento do teu precioso livro – “Historia do Amazonas”, é-me dado escrever-te com um pouco mais de vagar. Conforme te fiz ver em minha carta referida, encontrei o teu trabalho – que, de passagem se diga, é um primor, já quanto á forma, já quanto ao método, (...) Com a leitura da Historia do Amazonas, estou agora perfeitamente ao par de fatos e coisas da nossa maravilhosa terra. Já não os ignoro mais. É preciso, porém, que continues a escrever sobre a Amazônia. E para tanto estás habilitado; não te faltam conhecimentos. Pelo menos é o que acabo de verificar ante a erudição demonstrada no teu livro. (PIRES, Jaboticabal/PA, 25 de fevereiro de 1933)

De um funcionário do Tribunal Eleitoral do Rio de Janeiro e autor de artigos para o “Correio da Manhã”, Arthur Reis recebeu em 1934, a notícia da publicação do *Casa Grande & Senzala*, que, como podemos ver, já era recebido como trabalho inovador:

Acaba de sair o livro do Gilberto Freyre: Casa Grande e Senzala. Estou lendo. Parece bem interessante. É um estudo da vida e da formação social do Brasil colonial. Feito a luz dos conhecimentos modernos sobre historia e ciências auxiliares. Para o nosso meio, coisa bem original. Além do mais, escreve muito bem. Peço que me mande a sua opinião. Como disse, ainda estou lendo, de sorte que não posso lhe dar uma impressão mais segura (PINTO, Rio de Janeiro, 26 de Janeiro de 1934).

Não temos como precisar se essa foi a primeira notícia que Arthur Reis teve da publicação de Gilberto Freyre, e também não será possível verificar nesse trabalho, se após tomar ciência desse livro “moderno” e “original”, houve alguma modificação na escrita da história de Reis influenciado pelas novidades presentes na obra de Freyre. Pela importância imediata de sua obra entre os intelectuais que se correspondiam com Reis, é possível e provável que sim. Em 1936, Arthur Reis propôs, em carta a Câmara Cascudo, a produção de uma obra sob o título “Crônicas do Norte”, recebendo a seguinte resposta: “Idéia magnífica. Ótima. Tenta como sorvete em dia de calor. (...)”

Várias dificuldades estão de permeio. Parece que a melhor é pensar em um camarada para cada Estado, mas aceitando incluir aspectos sociais e econômicos em todos os livros, para dar uma feição comum e própria” (CASCUDO, Natal, 23 de março de 1936).

Câmara Cascudo prossegue sugerindo nomes para cada Estado. Em Pernambuco, sugere o nome de Barbosa Lima Sobrinho: “(...) Gilberto Freyre, não se discute, construiria a melhor história social e econômica, mas dentro dos dois trilhos onde corre atualmente sua inteligência formosíssima. Explicaria tudo pelo açúcar e fome-de-terras. Mas não devemos o pôr de lado. Pensemos.” (CASCUDO, Natal, 23 de março de 1936).

Suas afirmações, apesar de assumirem, de um modo sutil e irônico, um tom de críticas, não deixam de ressaltar que Freyre faria a melhor história social e econômica, reconhecendo a força de suas interpretações, sendo, pois possível, que após o reconhecimento do trabalho de Gilberto Freyre, Arthur Reis possa ter de algum modo buscado aproximação para seus próximos trabalhos. Mas, esse é um tema que fica em aberto para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Robério. **Arthur Cezar Ferreira Reis**. Manaus: Imprensa Universitária, s.d.

COSTA, Selda Vale da. **Labirintos do saber: Nunes Pereira e as culturas amazônicas**. Tese de Doutorado defendida na Puc de São Paulo em 1997.

DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira – do IHGB aos anos 1930**. Passo Fundo, EDIUP, 1998.

GONTIJO, Rebeca. **História e historiografia nas cartas de Capistrano de Abreu**. In: Revista de História. São Paulo, v.24, n°2, p.159-185, 2005.

PAIVA, Marco Aurélio de. **A Conquista Intelectual do Amazonas**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2000.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **História do Amazonas**. 1ªed. Manaus: Tipografia Reis, 1931.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Vanhagem à FHC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

REIS, Vicente Torres da Silva Reis. **Consultor policial: guia para qualquer funcionário**. S.L, s.d.

SOUSA, Lademe Correia de. **Arthur Reis e a História do Amazonas: um início em grande estilo**. Dissertação de Mestrado defendida pela Universidade Federal do Amazonas em junho de 2009.

FONTES

Correspondências de Arthur Cezar Ferreira Reis (1930 a 1940). Localizadas no Acervo de Correspondências passivas da Biblioteca Arthur Reis.

Jornal do Comércio de 1930. Disponível no Centro Cultural dos Povos da Amazônia.

Jornais diversos do acervo digital da Biblioteca Arthur Reis. Disponível em: www.ccpa.am.gov.br.